



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

SARAH MEIRA CUNHA MELO

**HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS PARENTAIS: COMO A EDUCAÇÃO
PARENTAL INFLUENCIA A COMPETÊNCIA SOCIAL**

**CAMPINA GRANDE
2023**

SARAH MEIRA CUNHA MELO

**HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS PARENTAIS: COMO A EDUCAÇÃO
PARENTAL INFLUENCIA A COMPETÊNCIA SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Felipe Ricardo Pereira Vasconcelos de Arruda.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528h Melo, Sarah Meira Cunha.
Habilidades sociais e estilos parentais [manuscrito] : como a educação parental influencia a competência social / Sarah Meira Cunha Melo. - 2023.
26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Felipe Ricardo Pereira Vasconcelos de Arruda , Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Habilidades sociais. 2. Psicologia. 3. Estilos parentais. I.
Título

21. ed. CDD 150

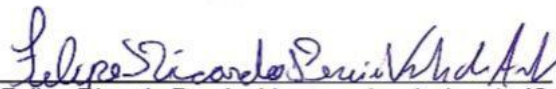
SARAH MEIRA CUNHA MELO

**HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS PARENTAIS: COMO A EDUCAÇÃO
PARENTAL INFLUENCIA A COMPETÊNCIA SOCIAL**

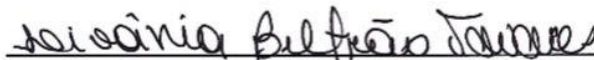
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Psicologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Graduada em Psicologia.

Aprovada em: 01/12/2023.

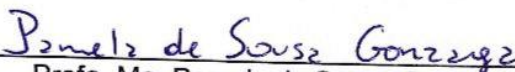
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Felipe Ricardo Pereira Vasconcelos de Arruda (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Pamela de Sousa Gonzaga
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CS	Competência Social
HS	Habilidades Sociais
HSE	Habilidades Sociais Educativas
HSE- P	Habilidades Sociais Educativas- Parentais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1	Habilidades Sociais	7
2.1.1	<i>Habilidades Sociais Educativas</i>	9
2.2.1	<i>Estilos Parentais</i>	10
2.2.2	<i>Praticas Educativas Parentais</i>	12
3	METODOLOGIA	13
4	RESULTADOS.....	13
5	CONCLUSÃO	18
	REFERÊNCIAS	20

HABILIDADES SOCIAIS E ESTILOS PARENTAIS: COMO A EDUCAÇÃO PARENTAL INFLUENCIA A COMPETÊNCIA SOCIAL

SOCIAL SKILLS AND PARENTING STYLES: HOW PARENTAL EDUCATION INFLUENCES SOCIAL COMPETENCE

Sarah Meira^{1*}

RESUMO

As interações sociais permeiam muitas áreas e ocupam grande parte do tempo das pessoas. Dessa forma, adquirir habilidades que aprimorem a capacidade de relacionar-se bem, solucionar conflitos e comunicar-se de forma clara são fundamentais para o bem-estar individual e o avanço em muitos aspectos da vida. Tendo em vista que o ambiente familiar surge como o primeiro local para a formação de padrões de relacionamento e de desenvolvimento da competência social, o presente estudo trata sobre a influência dos estilos parentais, adotados por mães e pais, na promoção ou inibição das habilidades sociais, a fim de compreender as possíveis relações entre o desenvolvimento dessas habilidades e as práticas educativas escolhidas pelas famílias. Realizou-se, então, uma pesquisa narrativa, com abordagem qualitativa sobre o tema e os principais conceitos relacionados a ele. As fontes de busca utilizadas foram as bases de dados BVSsalud, Lilacs, PubMed e Scielo, sendo selecionados 15 artigos publicados a partir do ano de 1999 até o ano de 2023. Diante disso, verificou-se que práticas parentais negativas, como punições e negligências, estão associadas a problemas de comportamento nas crianças. Em contrapartida, pais que promovem um ambiente de acolhimento, de comunicação assertiva e de limites realistas podem proporcionar ambiente mais protetivos contra impactos prejudiciais externos, que se estendem da infância até a vida adulta. O estudo contribui com a construção de uma base sólida de prevenção, capacitando pais, cuidadores e profissionais para a promoção de ambientes educacionais mais saudáveis.

Palavras-Chave: habilidades sociais; habilidades sociais educativas; estilos parentais.

ABSTRACT

Social interactions permeate many areas and occupy a significant portion of people's time. Consequently, acquiring skills that enhance the ability to maintain healthy relationships, resolve conflicts, and communicate clearly is essential for individual well-being and progress in many aspects of life. Considering that the family environment is the primary setting for the development of relationship patterns and social competence, this study examines how parental styles adopted by mothers and fathers influence the promotion or inhibition of social skills. It aims to understand the potential correlations between the development of these skills and the educational practices chosen by families. Narrative research with a qualitative approach on the topic and its related key concepts was conducted. The search sources used were the BVSsalud, Lilacs, PubMed, and Scielo databases, with 15 articles published from 1999 to 2023 being

^{1*} Aluno de graduação do curso de Psicologia da Universidade estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: sarah.melo@aluno.uepb.edu.br

selected. In light of this, it was observed that negative parenting practices, such as punishments and neglect, are associated with behavioral problems in children. In contrast, parents who foster a nurturing environment, practice assertive communication, and set realistic boundaries can provide protective environments against harmful external influences that extend from childhood into adulthood. The study contributes to the development of a robust foundation for prevention, empowering parents, caregivers, and professionals to promote healthier educational environments.

Keywords: social skills; educational social skills; parenting styles.

1 INTRODUÇÃO

No decorrer de toda a existência humana, grande parte das pessoas são expostas a formas de interações sociais em muitos aspectos e durante a maior parte do tempo. A capacidade de relacionar-se bem, de comunicar-se de forma clara e assertiva e de resolver conflitos de forma construtiva, é essencial não só para o bem-estar individual, como para o progresso nas demais esferas da vida (Caballo, 2003).

Os níveis de desempenho profissional e acadêmico sofrem impacto direto da presença ou não de competências pessoais socialmente desenvolvidas, visto que a atuação nas mais diversas áreas se dá por meio da interação social e, portanto, demandam habilidades adequadas de relacionamento. É possível observar que muitas queixas nesses âmbitos se vinculam diretamente a problemas de relacionamento e interação interpessoal (Del Prette & Del Prette 2005).

O rápido avanço tecnológico e a crescente globalização do mundo atual, podem impactar negativamente a qualidade das interações sociais saudáveis entre os indivíduos. Consequentemente, pessoas com dificuldades de adaptação social, enfrentam elevados riscos de apresentar problemas de saúde mental, como transtornos psiquiátricos, propensão ao suicídio e baixa realização pessoal e profissional (Trower, 1995).

Nesse sentido, torna-se essencial adquirir habilidades que auxiliem a capacidade de se relacionar e se ajustar socialmente de forma eficaz. O primeiro ambiente que está vinculado a formação e a aprendizagem de Habilidades Sociais (HS), é o ambiente familiar. As estratégias que os pais escolhem para conduzir a criação dos filhos desempenha papel fundamental no processo de socialização do indivíduo (Arón & Milicic, 1994).

Por isso, se faz necessária a investigação mais aprofundada sobre como os estilos parentais adotados por mães e pais influenciam a promoção ou a inibição de competências sociais, dado seu impacto na vida dos indivíduos, tanto cotidianamente, quanto de forma profissional e acadêmica.

Reconhecendo a falta de estudos na literatura brasileira sobre o tema, é de suma importância investigar os trabalhos já existentes, tanto para direcionar investigações futuras e novas pesquisas, quanto para contribuir com a construção de estratégias e intervenções que promovam parentalidades seguras e que desenvolvam a capacidade dos indivíduos de se relacionarem, se comunicarem e interagirem de forma saudável, com maior adaptação psicossocial.

Portanto, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica que possa investigar as possíveis relações entre o desenvolvimento de habilidades sociais dos filhos e os estilos parentais presentes nas famílias. Para alcançar o objetivo proposto e com intuito de conhecer a problemática de estudo, foi realizada

uma pesquisa narrativa, com abordagem qualitativa sobre o tema e os principais conceitos relacionados a ele.

2 REFERENCIAL TEORICO

2.1 Habilidades Sociais

A origem dos estudos em HS é fundamentada em cinco modelos teóricos distintos: o cognitivo, o da percepção social, o da teoria dos papéis, o da assertividade e o da aprendizagem social. Esses modelos, conjuntamente, formam as bases para o entendimento e as explicações dos processos de socialização e de formação de déficits e dificuldades no desempenho social (Hidalgo e Abarca, 1991).

Segundo Del Prette & Del Prette (2000), precursores dos estudos sobre HS no Brasil, dentre esses modelos, dois ganham destaque, especialmente na década de 70, são eles: o Treinamento Assertivo (TA) nos Estados Unidos, conduzido por Wolpe (1976) e o Treinamento de Habilidades Sociais, na Inglaterra, liderado por Argyle (1967). Nesse período, a terminologia “Habilidades Sociais” começou a popularizar-se e gradativamente substituiu a denominação “Comportamento Assertivo”. Os autores também enfatizam outros nomes no pioneirismo do campo da Psicologia Clínica no contexto dos problemas interpessoais, como: Caballo, Dean, Lazarus, Phillips, Salter e Zigler.

Em virtude da complexidade e da variedade de modelos teóricos envolvidos na área, é encontrada uma ampla gama de definições para o termo “Habilidades Sociais” (Caballo, 2003; Hargie, Saunders & Dickson, 1994; Merrel & Gimpel, 1998). Uma delas é a definição de HS como o conjunto de comportamentos que uma pessoa possui e que contribui para uma melhor interação com os seus pares e para resolução e redução de problemas em uma variedade de contextos sociais, a partir da sua respectiva cultura (Caballo, 1993; Hidalgo & Abarca, 1991; Del Prette & Del Prette, 2018).

As HS apontam para um outro conceito mais amplo dentro da área de estudos que diz respeito à Competência Social (CS). Esse termo faz referência a avaliação do desempenho das diferentes HS e a análise de seus respectivos resultados, tanto para si, quanto para outras pessoas (McFall, 1982). Um comportamento socialmente competente é o resultado da integração de diferentes HS e componentes cognitivos e afetivos que não são necessariamente observáveis, como pensamentos e sentimentos (Del Prette & Del Prette, 2018). Dessa forma, para um comportamento ser classificado como HS, ele deve contribuir para a CS.

- A nível de classificação, as HS são divididas em dois grupos comportamentais: molares e moleculares. As HS de classe molar subdividem-se em oito, e agrupam os comportamentos mais amplos nas interações sociais, que são (Del Prette & Del Prette, 2018):
 - Habilidades de comunicação: iniciar e manter conversas, tanto fazendo perguntas, quanto respondendo a elas; dar e receber feedback; fazer elogios e agradecer-los; expressar opiniões de forma clara.
 - Habilidades de civilidade: cumprimentar e responder a cumprimentos de forma adequada, fazendo o uso de expressões como “por favor”, “obrigado (a)” e “desculpa”, além de outras afirmações pertencentes a cultura própria.

- Habilidades de empatia: capacidade de compreender sentimentos e perspectivas de outras pessoas, seja mantendo contato visual durante conversas, ouvindo atentamente sem interrupções, expressando compreensão, demonstrando disposição para ajudar ou compartilhando realizações de outros (Del Prette & Del Prette, 2018).
- Habilidades de assertividade: expressar pensamentos, desejos e sentimentos de forma respeitosa e clara, tanto para si quanto para os outros; defender os próprios direitos, questionando, opinando e discordando de forma adequada, sem atacar agressivamente outras pessoas; fazer e recusar pedidos, expressar desagrado; solicitar mudanças de comportamento; admitir falhas; manejar críticas de forma coerente.
- Habilidades de manejar conflitos e problemas interpessoais: administração eficaz de situações adversas a partir das capacidades de autocontrole e elaboração de novas alternativas que visam a solução do problema (Del Prette & Del Prette, 2018).
- Habilidades de expressar afeto e intimidade: aproximação; demonstração de carinho; conexão emocional e interesse genuíno pelo outro, através de contato visual, sorrisos, toques, gentilezas e troca de informações pessoais; estabelecer limites quando necessário.
- Habilidades de coordenar grupo: organizar as atividades a serem realizadas, distribuí-las equitativamente; incentivar a participação; orientar; dar suporte; controlar o tempo; motivar; estimular reflexões; mediar interações; expor objetivos claros; cobrar o desempenho a partir dos padrões estabelecidos.
- Habilidades de falar em público: transmissão de informações e ideias de maneira clara, incluindo estabelecer contato visual com a plateia, manejar o tom de voz apropriado, apresentar conteúdos e responder perguntas. (Del Prette & Del Prette, 2018).

As HS de classe molecular são componentes menores e mais específicos dessas ações gerais e podem ser divididas em cinco categorias:

- Verbais: conteúdo da fala propriamente dito, uso de expressões, perguntas, formas de respostas; clareza;
- Não verbais: gestos, contatos visuais, postura corporal e os demais elementos não falados;
- Paralinguísticos: volume da voz; velocidade das falas, assim como das pausas; entonação;
- Mistos: humor/formalidade; objetividade/afetividade; tomar ou ceder a fala;

Segundo Caballo (2003), o estabelecimento funcional do indivíduo no ambiente é proveniente do desenvolvimento eficaz das HS. Para Del Prette & Del Prette (2005), as HS competentes são reconhecidas como indicadores de ajustamento

psicossocial, estando relacionadas ao bem-estar emocional e à saúde mental, tornando mais fácil lidar com situações difíceis e estressantes.

Além disso, indivíduos que apresentam um repertório amplo de HS, desenvolvem melhor desempenho nos ambientes profissionais e acadêmicos, tendo maior capacidade de trabalhar em equipe de forma colaborativa, resolver problemas e expressar ideias de forma clara e assertiva (Del Prette & Del Prette 2005).

Em contrapartida, a ausência de HS pode levar a comportamentos que prejudicam o funcionamento do indivíduo, sejam eles comportamentos ativos, como agressão, coerção, manipulação e desrespeito, ou comportamentos passivos, como isolamento, omissão, autodepreciação e submissão excessiva (Del Prette & Del Prette 2005). O repertório limitado em HS pode resultar em relações interpessoais conflituosas, provocando consequências disfuncionais na qualidade de vida e no bem-estar psicológico (Del Prette, 2001; Pinheiro et al., 2006).

Frequentemente, as pessoas podem experimentar desconforto e insegurança ao interagir socialmente, especialmente em situações que exigem expressão de sentimentos, defesa dos próprios direitos, aceitação ou refutação de críticas, resolução de problemas e resposta adequada a expressões emocionais (Del Prette & Del Prette 2005).

As HS, assim como outros comportamentos, são adquiridas e aprendidas desde a infância, através de interações diretas ou indiretas com outras pessoas (Caballo, 2003). O ambiente em que uma pessoa vive, assim como a interação dentro dele, especialmente com sua família e seus pares, desempenham um papel significativo na maneira como essas habilidades se desenvolvem (Arón & Milicic, 1994).

Para Vila (2005), um dos motivos para o baixo desempenho social de um indivíduo é falta de aprendizado desses comportamentos em seus ambientes familiares, visto que a família representa a fundação para os primeiros padrões de relacionamento e CS. Durante os primeiros anos de vida, a imitação é a base comportamental das crianças, que assimilam até mesmo os padrões emocionais dos seus pais e/ou cuidadores. Conseqüentemente, a vida familiar pode proporcionar tanto um repertório elaborado de HS, quanto limitado, com problemas de adaptação social e pouca desenvoltura (Del Prette & Del Prette, 2005).

Dessa forma, é essencial para construção saudável do ser humano, a estadia em ambiente seguro, acolhedor e com medidas equilibradas de disciplina e limites que favoreçam o desenvolvimento das habilidades sociais essenciais para sua adaptação pessoal, acadêmica e profissional bem sucedida.

2.1.1 Habilidades Sociais Educativas (HSE)

Segundo Del Prette & Del Prette (2005), um dos motivos para a falta de preparo dos pais ao orientar o desenvolvimento de seus filhos é a limitação em suas próprias habilidades. Para que haja a promoção de comportamento habilidosos em seus filhos, é necessário que eles próprios demonstrem habilidades adequadas. Por isso, quando as HS são aplicadas dentro do contexto familiar, as crianças tendem a desenvolver os repertórios apropriados dessas mesmas habilidades, que são fundamentais para sociabilidade saudável durante toda a vida.

Nesse sentido, os autores desenvolveram o conceito de habilidades sociais educativas (HSE), que podem ser definidas como as competências comportamentais de uma pessoa que estão direcionadas para promover a aprendizagem de habilidades em outras. Essa forma de aprendizagem pode se dar em diversos ambientes, tanto

formais, como nas instituições de ensino, quanto informais, como no âmbito familiar e na comunidade (Del Prette & Del Prette, 2008).

As HSE são categorizadas em quatro classes distintas: estabelecer contextos interativos potencialmente educativos (organização de ferramentas disponíveis visando a educação interativa); transmitir ou expor conteúdos sobre habilidades sociais (explicar objetivos, informações, resultados de comportamentos); estabelecer limites e disciplina (ênfase em regras que descrevem eficazmente comportamentos desejáveis e indesejáveis); monitorar positivamente (promover reforçadores para os comportamentos sociais competentes, como elogios, incentivo e interesse);

Silva (2000) introduziu o termo “Habilidades Sociais Educativas Parentais (HSE-P)” para abranger o conjunto de competências e HS que os pais fazem uso para conduzir a criação dos filhos, sendo elas: utilização do diálogo, expressão de opiniões e sentimentos, cumprimento de promessas, estabelecimento de limites e desculpar-se.

As HSE-P integram as práticas educativas e, portanto, pais que possuem HSE-P se dirigem para a utilização da monitoria positiva e a promoção de comportamentos morais na educação dos filhos. Em contrapartida, pais que não possuem HSE-P, sendo mais propensos a usar métodos punitivos, podem contribuir para o desenvolvimento de dificuldades psicológicas e comportamentais dos filhos (Bolsoni-Silva & Marturano, 2008; Gomide et al., 2005).

O diálogo diário e eficaz com os filhos, além de possibilitar a transmissão de valores e regras, desempenha papel fundamental no ambiente educativo, uma vez que serve como base para o desenvolvimento de todas as outras habilidades sociais. É através do diálogo, também, que a expressão de opiniões e sentimentos tornam-se modelo para expressão de opiniões, desejos e críticas assertivas dos filhos (Silva, 2000).

Outra HSE-P que Silva (2000) enfatiza é o cumprimento de promessas. Um dos fatores prejudiciais no relacionamento de pais e filhos é o sentimento de engano produzido nas crianças por promessas feitas e não cumpridas. Esse comportamento aumenta a probabilidade de que os filhos também aprendam a não cumprir suas próprias promessas e compromissos futuros.

Estabelecer limites é a HSE-P relacionada a analisar os comportamentos e solicitações dos filhos e dizer “não” quando elas não são apropriadas para o momento ou a situação. Estando dispostos, também, a encontrar soluções em que ambas as partes são beneficiadas, promovendo a capacidade de negociação e resolução de conflitos (Silva, 2000).

Por fim, uma outra maneira construtiva de modelar comportamentos sociais maduros, responsáveis e empáticos nos filhos é fazer uso de pedidos de desculpas no ambiente familiar frente ao cometimento de erros. Ao admitirem os próprios erros e desculpar-se, os pais ensinam aos filhos a lidar com situações em que eles venham a errar, sendo responsáveis por suas ações, admitindo suas falhas, desculpando-se e não punindo-se severamente quando cometerem equívocos (Silva, 2000).

2.2.1 Estilos Parentais

Um dos primeiros estudos que investigou o impacto do envolvimento dos pais no comportamento e no desenvolvimento dos filhos foi elaborada por Baumrind (1966), a autora estabeleceu o conceito de Estilos Parentais para analisar essa relação. Para Baumrind (1996), os Estilos Parentais são o conjunto global de estratégias específicas que os pais e/ou cuidadores escolhem diariamente para

conduzir a criação dos seus filhos, somado as características de interação dentro do convívio familiar.

Essas características são determinadas a partir das distribuições dos níveis de autoridade, poder, controle, afeto e comunicação, moldados a partir de valores e crenças culturais. É por meio desses comportamentos que os pais podem orientar seus filhos no processo de desenvolvimento social (Reppold, Pacheco & Hutz, 2005).

Baumrind (1966) identificou, inicialmente, três tipos de Estilos Parentais: autoritário, autoritativo e permissivo.

Os pais autoritários são caracterizados por orientar o comportamento dos filhos baseado na rigidez e no estabelecimento de regras e cobranças elevadas. Esse estilo parental também é marcado por valorizar a obediência e as práticas punitivas como fator fundamental dentro da relação familiar ao lidar com comportamentos que contrariam suas noções do que é certo, fornecendo pouca abertura ao questionamento e a participação da criança.

Os pais autoritativos, ao mesmo tempo em que impõem regras de controle de comportamento e acompanham as condutas da criança, também estabelecem uma relação baseada em afeto, respeito e abertura para o diálogo. Encorajam seus filhos a expressar opiniões e sentimentos quando existem desacordos, mas também mantêm sua postura de adulto ao se deparar com comportamentos inadequados. Nesses casos, dividem com o filho as motivações para suas ações, mesmo considerando seus interesses e vontades. Não utilizam de práticas punitivas, preferindo reforçar comportamentos positivos.

Por fim, pais permissivos apresentam-se como tolerantes em excesso, aceitando, atendendo e sendo facilitadores da realização de todos os desejos da criança. Evitam o estabelecimento de regras e limites e não moldam os comportamentos dos filhos em virtude da falta de controle.

Esse modelo inicial foi reestruturado por MacCoby e Martin (1983), que propuseram dois polos fundamentais para a classificação dos Estilos Parentais, sendo eles denominados de Responsividade e Exigência.

Responsividade refere-se as condutas de apoio emocional, compreensão e consideração da individualidade dos filhos. É o modo como os pais demonstram afeto, compreensão e são abertos para o diálogo.

Por outro lado, a exigência diz respeito às práticas disciplinares, de controle e monitoramento dos comportamentos, com o objetivo de promover uma socialização adequada das crianças. É o estabelecimento de regras e limites para orientar o comportamento de seus filhos. A combinação variada desses dois aspectos resulta nos diferentes Estilos Parentais.

Os autores mantiveram os tipos autoritários e autoritativos, classificando o estilo autoritário com altos níveis de exigência e baixos de responsividade e o estilo autoritativo com níveis equilibrados entre os dois polos. Além disso, eles propuseram uma subdivisão do estilo permissivo em duas categorias: indulgente e negligente (MacCoby e Martin, 1983).

Os pais indulgentes apresentariam níveis elevados de responsividade, apoio e compreensão, mas níveis rebaixados de exigência, controle e supervisão. Não impõem regras, sendo afetuosos e aceitando todos os comportamentos dos seus filhos.

Os pais negligentes, entretanto, se caracterizam por baixos níveis tanto de exigência, quanto de responsividade, mantendo-se distante das necessidades da criança de monitoramento, socialização e apoio e esquivando-se da responsabilidade

de supervisionar seus comportamentos e oferecer afeto, tendo o intuito de atender as necessidades da criança como forma de encerrar seus pedidos.

O estudo indicou que o estilo parental que equilibra os níveis de autoridade e controle, levando em consideração as necessidades emocionais, sociais e físicas individuais da criança desenvolvem filhos mais assertivos, curiosos, autoconfiantes e competentes. Entretanto, pais que apresentam níveis desequilibrados nos dois polos, apresentam filhos com baixos níveis tanto de autocontrole, quanto de autoconfiança. De forma geral, os resultados dos estudos destacaram que cada estilo parental desempenha e provoca diferentes reações comportamentais, emocionais e sociais na vida dos indivíduos. (MacCoby e Martin, 1983).

2.2.2 Práticas Educativas Parentais

Sabendo que os estilos parentais representam a caracterização geral das relações entre pais e filhos agrupadas às estratégias escolhidas para orientar as crianças, alguns estudos propiciaram a distinção mais clara entre estilos parentais e as práticas parentais adotadas. Para Darling e Steinberg (1993), ao passo em que os estilos parentais referiam-se ao contexto geral em que ocorreria o processo de socialização da criança, as práticas parentais fariam referência, diretamente, as ações estabelecidas para essa socialização.

As práticas parentais, segundo Gomide (2003), dividem-se em duas categorias: positivas, que promovem comportamentos pró-sociais, e negativas, que desencadeiam comportamentos antissociais, a depender da frequência e intensidade usada pelos pais. As práticas educativas que promovem o desenvolvimento pró-social adequado da criança subdivide-se em duas, monitoria positiva e comportamento moral.

A monitoria positiva refere-se as práticas parentais de suporte, atenção e afeto dos pais. Isso envolve a demonstração de interesse pelas atividades desempenhadas pelos filhos, pelos locais que eles frequentam, pelos seus gostos e suas necessidades, acompanhado por carinho, cuidado e diálogo. Práticas desse tipo abrem espaço para o desenvolvimento de um ambiente em que a criança compartilha voluntariamente informações sobre suas próprias práticas (Gomide, 2003).

O comportamento moral envolve o ensinamento de valores importantes, como justiça, empatia, responsabilidade, generosidade e a distinção entre o certo e o errado através do exemplo dos pais, proporcionando condições para que os filhos desenvolvam os mesmos valores. Para Gomide (2001), é o processo de transmissão de valores através das próprias ações, conversas e orientações, possibilitando a reflexão da criança sobre os próprios comportamentos.

Em contrapartida, as práticas educativas que contribuem para o desdobramento de comportamentos antissociais classificam-se em cinco: negligência, punição inconsistente, monitoria negativa, disciplina relaxada e abuso físico.

A negligência relaciona-se a falta de envolvimento e de supervisão dos pais para com os filhos, que agem como observadores passivos ao invés de participantes ativos na educação das crianças. Existem muitas formas da negligência se manifestar, entre elas, por falta de atenção, desinteresse, omissão e ausência de afeto. É um dos principais fatores que pode levar ao desenvolvimento de comportamentos antissociais em crianças (Gomide, 2003).

A prática da punição inconsistente acontece quando os pais aplicam punições de acordo com seu estado de humor em um determinado momento, ao invés de

fornecer a resposta ideal para o comportamento apresentado pelo filho. A consequência disso é que a criança acaba mantendo comportamentos tidos como indesejáveis, já que não pode compreender especificamente quais e quando serão punidos ou não.

Na monitoria negativa, os pais exercem controle e supervisão excessivas sobre a vida dos filhos, criando um ambiente familiar conturbado e com pouco diálogo. Uma das consequências dessa prática é os filhos passarem a reagir com comportamentos agressivos com o objetivo de proteger sua privacidade (Gomide, 2003).

Além disso, a monitoria negativa está ligada ao conceito de controle psicológico, que devido ao excesso, impede o desenvolvimento da independência e da autonomia da criança, mantendo certa dependência emocional dos pais e, por consequência, produzindo sentimentos de incapacidade e inadequação dos filhos (Pettit, Laird, Dodge, Bates e Criss, 2001).

A disciplina relaxada é marcada pela dissonância entre o estabelecimento de regras pelos pais e suas aplicações quando se deparam com comportamentos desafiadores dos filhos. Os pais que fazem uso desse tipo de prática até estabelecem limites para regular o comportamento das crianças, mas se abstêm de mantê-los quando confrontados pelos filhos, sendo um fator de risco para a reprodução de comportamento delincente (Gomide, 2003).

Por fim, o abuso físico e psicológico refere-se as práticas punitivas dos pais que causam ferimentos físicos ou psicológicos à criança, desencadeando desde problemas psiquiátricos, com questões comportamentais e déficits cognitivos e socioemocionais até problemas de saúde (Silvares, 2004).

De acordo com Del Prette e Del Prette (2001), pais que adotam abordagens parentais agressivas e negligentes, podem afetar negativamente o desenvolvimento de HS de seus filhos.

3 METODOLOGIA

Esse estudo tem por finalidade realizar uma pesquisa com o propósito de gerar conhecimento a partir da contribuição de teorias científicas já existentes. Para obtenção dos dados necessários, foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa que pudesse investigar as relações entre o desenvolvimento de habilidades sociais dos filhos e os estilos parentais presentes nas famílias.

Para alcançar os objetivos propostos e com intuito de conhecer a problemática sobre a área de estudo, a pesquisa foi realizada com as palavras chave “habilidades sociais”, “habilidades sociais educativas” e “estilos parentais”.

As fontes de busca utilizadas foram as bases de dados BVSsalud, Lilacs, PubMed e Scielo. Foram selecionados 15 artigos publicados desde o ano de 1999 até o ano de 2023, tendo como método de exclusão para os demais artigos encontrados a presença de materiais repetidos, que não possuíssem o texto completo e que fugissem do tema da pesquisa.

A partir disso, os materiais foram analisados conforme suas principais contribuições e posteriormente apresentadas os respectivos resultados.

4 RESULTADOS

4.1 Estilos Parentais, Práticas Educativas e Habilidades Sociais

Pacheco, Teixeira e Gomes (1999) buscaram analisar as possíveis relações entre estilos parentais e o desenvolvimento de HS de adolescentes de duas escolas públicas. Eles identificaram déficits em algumas HS dos adolescentes, onde mais da metade deles considerou três situações como muito desconfortáveis: defender os próprios direitos, solicitar mudanças no comportamento dos outros e expressar sentimentos.

Algumas situações sociais também foram relatadas como incômodas com alta frequência: iniciar relacionamentos com o sexo oposto, expressar opiniões em grupos de pares e diante dos pais. Além disso, a situação de falar em público foi a que gerou mais ansiedade entre os adolescentes.

Foram examinadas as correlações entre as dimensões dos estilos parentais e os índices de ansiedade, agressividade, incômodo e satisfação. O grupo que teve pais classificados como autoritativos tiveram escores mais baixos de agressividade e incômodo em comparação com o grupo de pais classificados como negligentes.

Adolescentes que identificaram seus pais como autoritários também apresentaram níveis mais baixos de comportamento agressivo em comparação com aqueles cujos pais foram classificados como indulgentes ou negligentes. Para os autores, os pais que demonstram supervisão e controle, presentes nos estilos autoritários e autoritativos podem, nesse contexto, desempenhar papel de prevenção para problemas de comportamento, que contribuem para um melhor desempenho social.

Entretanto, foram encontradas correlações positivas entre a variável “exigência” e o índice de “ansiedade”, enfatizando a reflexão de que o estilo parental somente exigente pode não promover o ambiente propício para que seus filhos desenvolvam habilidades adequadas para lidar com situações interpessoais, resultando em níveis mais elevados de ansiedade.

Gomide, Salvo, Pinheiro e Sabbag (2005), explorando a relação dos estilos parentais, incluindo práticas parentais positivas e negativas, com HS, depressão e estresse, encontraram correlações positivas entre os níveis de HS e os estilos parentais positivos. O estudo também identificou correlação negativa entre práticas positivas e os níveis de depressão e estresse. Concluindo que, ao adotarem práticas parentais positivas, há uma tendência a menores níveis de estresse e depressão nos filhos.

Com o objetivo de estudar como o envolvimento dos pais está relacionado ao desenvolvimento de HS e aos problemas de comportamento dos filhos, Cia, Pamplin e Del Prette (2006) realizaram uma pesquisa com crianças e avaliaram a percepção delas sobre o nível de comunicação e participação de seus pais em suas vidas. Os resultados revelaram que as mães geralmente apresentavam melhores indicadores de comunicação e participação em comparação aos pais.

Esses indicadores estavam positivamente relacionados com as HS das crianças e a falta deles esteve associada a comportamentos problemáticos, tanto externalizantes quanto internalizantes, como ansiedade e depressão. Um ponto a ser destacado é a persistência da maior responsabilidade das mães em aspectos essenciais do desenvolvimento infantil, incluindo cuidados diários, alimentação e educação escolar.

Cia, Pereira, Del Prette e Del Prette (2006) realizaram uma nova pesquisa correlacionando os indicadores de HS e o envolvimento dos pais na educação dos filhos, obtendo, no entanto, a visão dos pais. Os resultados da análise dos dados revelaram que não houve diferença significativa na intensidade do envolvimento entre mães e pais no que diz respeito a educação das crianças, indicando uma parceria

crescente entre casais na responsabilidade pela educação dos filhos, resultando em impactos positivos no desenvolvimento infantil, especialmente em termos de aspectos socioemocionais.

Cia e Barham (2009) examinaram três formas de envolvimento parental e como eles se relacionam com problemas de comportamento ou desenvolvimento social: comunicação entre pai e filho, participação do pai nos cuidados com a criança e a participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer do filho.

Os resultados do estudo também revelaram que essas três formas de envolvimento parental não estavam relacionadas com a percepção de problemas de comportamento nas crianças. No entanto, de maneira oposta, todas as três medidas de envolvimento estavam relacionadas com o amplo repertório de HS. Eles destacaram que à medida que os pais aumentam sua comunicação e envolvimento ativo na vida dos filhos, há uma tendência de redução nos níveis de problemas de comportamento.

Um estudo realizado por Bolsoni-Silva et al. (2010) buscou analisar os comportamentos de alguns cuidadores principais, entre eles, pais, mães e avós que buscaram atendimento para seus filhos em um Centro de Psicologia Aplicada (CPA). Os resultados destacaram que 60% das crianças apresentavam problemas de comportamento em um nível clinicamente significativo.

Esses problemas, em sua maioria, eram comportamentos externalizantes, como desobediência e agressão, embora também tenham sido observados alguns problemas internalizantes, como isolamento e timidez, em menor número. O estudo identificou correlações entre práticas parentais negativas e os problemas de comportamento das crianças, assim como correlações entre práticas educativas positivas, as HS dos cuidadores e o comportamento socialmente habilidoso das crianças.

Bolsoni-Silva e Loureiro (2011), buscaram comparar as práticas educativas adotadas pelos pais e os comportamentos manifestados pelos filhos em crianças com problemas de comportamento (grupo clínico) e em crianças sem problemas comportamentais (grupo não clínico).

No grupo de pais não clínicos, observou-se comportamentos de comunicação, expressão de afeto, expressão de sentimentos negativos e estabelecimento de limites. Nesse grupo, as crianças ouviam e ajustavam seus comportamentos.

Em contrapartida, no grupo de pais clínicos, os resultados indicaram dificuldades de obediência dos filhos diante do estabelecimento de limites. Os autores pontuaram que à medida que as HSE- P aumentavam, as HS das crianças também apresentavam um desenvolvimento positivo.

Carneiro e Oliveira (2013) realizaram uma pesquisa com o objetivo de investigar a relação entre o repertório de HS de 40 indivíduos na faixa etária de 20 e 50 anos e os estilos parentais que eles percebem ter experienciado.

Dos quarenta indivíduos, vinte e seis classificaram seus pais como autoritativos, entre eles, dez demonstraram um repertório desenvolvido de HS, sete apresentaram HS acima da média, dois apresentaram habilidades na média, três abaixo da média e quatro receberam indicação para treinamento em HS.

Treze participantes classificaram seus pais como autoritários, desses, dois tinha um repertório de HS desenvolvido, dois apresentaram HS acima da média, um estava na média, dois tinham HS abaixo da média e seis foram indicados para treinamento de HS.

Apenas um único participante percebeu seus pais como permissivo e tinha um repertório de HS abaixo da média. Os resultados do estudo sugerem que aqueles que

perceberam seus pais como autoritários mostram um comprometimento maior em suas HS, ao passo que os participantes que perceberam seus pais como autoritativos demonstraram um repertório mais amplo de HS.

Uma pesquisa conduzida por Martins et al. (2014), com cuidadores, incluindo mães, pais e outros membros da família, juntamente com a participação de algumas professoras, buscou identificar como as práticas parentais afetam o desempenho acadêmico e as HS das crianças.

O estudo destacou que as crianças com bom desempenho acadêmico e maior sociabilidade estavam inseridas em ambientes cujos cuidadores apresentavam-se como responsivos, equilibrando afeto e apoio com limites e regras claras. No entanto, o estudo identificou que o uso de controle psicológico pelos pais, como pressão emocional ou manipulação, estava relacionado negativamente com as HS apresentadas pelas crianças.

Com o intuito de comparar a percepção de pais e mães sobre suas próprias práticas parentais em relação à percepção de seus filhos sobre essas práticas, Maia e Soares (2019) realizaram uma pesquisa que demonstrou que os filhos percebem os estilos e práticas parentais de maneira diferente dos pais.

Os resultados destacaram a importância das práticas parentais positivas no desenvolvimento de HS que fortalecem as interações entre pais e filhos. Em famílias em que os pais apresentavam-se excessivamente envolvidos no trabalho para garantir o sustento da família, o desempenho dos papéis sociais dentro do ambiente familiar ainda fazia-se necessário para atender as necessidades emocionais dos filhos, por meio de afeto, atenção e segurança.

Os resultados também apresentaram que as mães demonstraram ter uma visão mais positiva do próprio estilo parental e os pais de forma mais negativa em comparação a percepção dos filhos.

As mães foram avaliadas como mais presentes em virtude da sua participação ativa e mais frequente em reuniões escolares e do maior apoio e acompanhamento durante períodos críticos. De acordo com o estudo, esses fatores estiveram associados a melhores adaptações escolares e maior promoção da aprendizagem.

Um estudo conduzido por Mota e Assunção (2023) envolvendo universitários de ambos os sexos teve como objetivo investigar como os estilos parentais e as relações com os pares influenciam as motivações para consumo de álcool, moldando o desenvolvimento pessoal. Os resultados do estudo destacaram diferenças entre homens e mulheres. As mulheres mostraram ter relacionamentos mais saudáveis com seus pares em comparação aos homens.

Os homens, além de mostrarem mais propensão para o consumo de álcool, perceberam suas figuras parentais, especialmente os pais, como autoritárias, enfatizando relacionamentos menos próximos com eles. Os resultados também enfatizaram que os estilos parentais autoritários e permissivos, evidenciando hostilidade verbal, punição e negligência, correlacionam-se positivamente ao uso problemático do álcool.

Em contrapartida, estilos parentais caracterizados por afeto e apoio foram associados a estudantes que mantêm relações sociais saudáveis e que tendem a consumir álcool por razões menos relacionadas a problemas ou para atender necessidades sociais.

Os estudos apresentados têm enfatizado a importância do envolvimento ativo e funcional dos pais na criação dos seus filhos, assim como das estratégias escolhidas para condução da socialização e da educação das crianças. Compreender como os estilos parentais estão associados ao desenvolvimento de HS oferece uma visão

ampla sobre como os pais podem influenciar positiva ou negativamente o desenvolvimento de seus filhos em termos de interação sociais, resolução de conflitos e capacidade de funcionar adaptativamente em diferentes ambientes.

4.2 Treinamento em Habilidades Sociais

A exposição a modelos de comportamento desadaptativos, especialmente durante as primeiras experiências sociais na infância, pode representar um risco significativo para o desenvolvimento deficitário de HS. Podendo, também, desencadear o surgimento de padrões de interações coercivas dentro da família, passados ao longo das gerações (Patterson, 1986; Patterson, DeBaryshe & Ramsey, 1989). Dessa forma, muitas pesquisas tem enfatizado a importância da prevenção como uma intervenção eficaz para promover interações sociais saudáveis e aprimorar as habilidades sociais dos pais e/ou cuidadores.

Pinheiro, Haas, Del Prette, Amarante e Del Prette (2006) realizaram um programa de treinamento de habilidades sociais para pais de crianças com problemas de comportamento. O programa apresentou princípios da análise do comportamento e modelos de HSE e de práticas disciplinares não-coerciva.

Os resultados revelaram uma melhora significativa nos comportamentos inadequados das crianças, assim como mudanças positivas nas interações familiares. O enfoque nas HSE para pais e o incentivo para alterarem seus próprios comportamentos, contribuiu para o desenvolvimento de práticas disciplinares não coercivas e a percepção de melhorias no comportamento de seus filhos. Segundo os autores, reduzir as deficiências nas HS dos pais pode ser uma estratégia eficaz para prevenir ou eliminar comportamentos inadequados.

Coelho e Murta (2007) realizaram um treinamento parental para o desenvolvimento de práticas educativas positivas, HSE e estratégias para o enfrentamento de estressores externos. Os participantes demonstraram melhorias nas práticas educativas, aumentando as positivas e diminuindo as negativas, e também desenvolveram HSE nas suas funções parentais.

Os participantes também relataram ter desenvolvido habilidades para lidar com diversos eventos estressantes, não apenas relacionados ao convívio entre pais e filhos. Além disso, os pais perceberam mudanças significativas em seus filhos, incluindo melhorias acadêmicas, desenvolvimento de HS e maior cuidado com a própria saúde. Os autores concluíram que a intervenção teve impactos positivos não só na relação parental, mas também no ambiente familiar, que acaba por influenciar o desempenho e ajustamento escolar das crianças.

Em um estudo conduzido por Bolsoni-Silva e Borelli (2012), foram avaliados dois métodos de intervenção destinados a pais, com o objetivo de desenvolver e aprimorar HS. Foram considerados dois grupos: grupo 1 (G1) e grupo 2 (G2), em que a única diferença entre eles era a frequência das sessões. O G1 participou de intervenções uma vez por semana, enquanto o G2 teve sessões duas vezes por semana.

A partir dos resultados, foi possível analisar que o G1 demonstrou melhorias significativas, principalmente em HSE- P e HS das crianças. Por outro lado, o G2 apresentou maior desenvolvimento na redução de práticas negativas e problemas de comportamento dos filhos, embora tenha demonstrado progresso um pouco menor em termos de HSE.

Para os autores, a aprendizagem de HSE- P pode requerer um tempo maior para se consolidar no repertório comportamental dos indivíduos, como indicado pelo melhor desempenho do G1.

Ribas e Abramides (2022) desenvolveram um programa de Treinamento de HSE destinado a mães de pré-adolescentes com deficiência auditiva (DA), com o intuito de aprimorar as habilidades sociais educativas das participantes e abordar problemas de comportamento dos filhos.

O programa foi realizado com base em intervenções semiestruturadas que foram previamente reconhecidos por sua fundamentação científica. Foram formados dois grupos: um grupo de controle e um grupo experimental (amostra de participantes que tinham disponibilidade de comparecer às sessões no mesmo horário das terapias fonoaudiológicas de seus filhos).

Antes da intervenção, foram identificados problemas de comportamento internalizantes em mães do grupo de experimental e problemas de comportamento tanto internalizantes quanto externalizantes em participantes do grupo de controle. Os resultados indicaram melhorias nas práticas parentais positivas e uma diminuição nas práticas negativas no grupo experimental.

No entanto, essas melhorias não foram observadas no grupo de controle, que manteve um repertório semelhante ao observado na avaliação antes das intervenções. Os autores enfatizam que, a partir dos resultados, programas como esse podem ser complementares essenciais à fonoterapia. Além de melhorar o bem-estar sócio emocional das crianças e adolescentes com deficiência auditiva.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa desenvolvida observou que a qualidade da relação e das formas de educação parental desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da CS dos indivíduos, destacando a importância crítica dessa relação na promoção das HS da criança. O cuidado familiar exerce função essencial na modelagem do comportamento social de seus filhos e na preparação deles para enfrentar desafios interpessoais ao longo da vida.

O modo como as crianças se percebem, se veem e interagem com o mundo ao seu redor está profundamente enraizada nas relações estabelecidas com seus cuidadores, especialmente com suas formas de dirigirem- se, comunicarem- se e se relacionarem com elas.

Os resultados mostraram que a ocorrência de problemas de comportamento pode estar associada ao uso de punições e negligência na educação. Práticas parentais disfuncionais, caracterizadas por coerção, violência e pouco envolvimento e participação ativa, podem colaborar para uma maior vulnerabilidade da criança a eventos que podem ser prejudiciais, como comportamento delinquentes, uso de álcool e maior tendência a transtornos depressivos e ansiosos.

Em contrapartida, pais que promovem um ambiente familiar baseado no acolhimento, respeito mútuo e comunicação assertiva, podem proporcionar um desenvolvimento protetivo contra fatores externos que podem vir a ser prejudiciais para a criança, contribuindo também para um desenvolvimento emocional e social mais saudável. Quanto mais os pais se comunicam e se envolvem na vida dos filhos, seja em casa, nas atividades escolares, culturais ou de lazer, melhor se desenvolvem seus indicadores de HS, influenciando não só a CS das crianças, mas a própria relação entre pais e filhos.

Os impactos dos estilos e práticas parentais adotadas não se restringem apenas à infância, seus efeitos se estendem até a adolescência e a vida adulta. Quando uma criança tem sua individualidade respeitada, seu ponto de vista valorizado e é apresentada a normas, regras e valores, ela aprende a fazer as mesmas coisas.

Dessa forma, adotar estratégias de criação e socialização que priorizem o desenvolvimento de HS desde os primeiros anos de vida é essencial para garantir um crescimento saudável e bem-sucedido ao longo da vida.

Também foi possível observar que as mães geralmente mostram indicadores mais positivos de comunicação e de participação na vida dos filhos em comparação com pais, e esses indicadores estão relacionados com o desenvolvimento mais funcional das HS das crianças.

Entretanto, as mudanças estruturais sofridas nos meios familiares têm alterado as responsabilidades pelos cuidados com os filhos, sendo exercida também pelos pais. O que torna-se favorável para as mães, ao terem o apoio dos parceiros, mas também para as crianças, que desfrutam de uma rede de apoio ampla e com menor risco de negligência.

À vista disso, a participação ativa de ambos os pais na criação dos filhos é de extrema importância. Logo, é essencial direcionar a atenção também aos pais, através de estudos, na investigação das práticas parentais, considerando sua importância na formação dos filhos.

Assim, conclui-se, que esse estudo contribui com a promoção de ambientes de educação mais saudáveis a partir do conhecimento sobre estilos e práticas parentais e seus impactos de longo prazo na formação de competência social dos filhos, capacitando-os para relacionamentos mais satisfatórios e uma participação cada vez mais eficaz na sociedade.

O estudo também contribui para fornecer uma base de prevenção consistente ao possibilitar a orientação de pais, cuidadores e profissionais para que possam favorecer o desenvolvimento social das crianças. À medida que as HSE- P se aprimoram, as HS da criança também desenvolvem-se positivamente.

Ambientes nos quais os cuidadores demonstram responsividade e equilíbrio entre afeto, apoio e limites e regras claras, tornam-se um solo fértil para o desempenho pessoal, social, acadêmico e profissional satisfatório dos filhos durante toda a vida. A falta de HSE pode contribuir para o surgimento de problemas nos mais diversos âmbitos.

Por consequência, fomentar um estilo de apego seguro, no qual as crianças tenham uma base sólida e acolhedora para explorar o mundo, traz benefícios duradouros.

Pais e mães que possuem déficits em HS, participando de Treinamentos de HS, podem desenvolver um repertório mais elaborado que proporcionará, conseqüentemente, crianças mais saudáveis e bem ajustadas socialmente.

Diante de tais considerações, recomenda-se para trabalhos futuros um maior aprofundamento sobre os impactos da negligência, especificamente dos pais, no desenvolvimento socioemocional das crianças. A negligência, que muitas vezes é a forma mais silenciosa e menos visível de maus-tratos, tem conseqüências duradouras e profundas e é essencial investigar seus efeitos no desenvolvimento de HS e na saúde mental das crianças, visto que são poucos os estudos direcionados a essa área.

Investigações adicionais também podem abordar questões relacionadas à resiliência, buscando compreender o processo de superação de experiências de

negligência e o desenvolvimento de HS saudáveis autônomas, beneficiando indivíduos diretamente afetados.

REFERÊNCIAS

Arón, A. & Milicic, N. (1994). Viver com os outros: programa de desenvolvimento de habilidades sociais. (J. Santos, Trad.) Campinas: Editoral Psy II.

Baumrind, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. Chicago: Child Development, 1966.

Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2008). Habilidades sociais educativas parentais e problemas de comportamento: comparando pais e mães de pré-escolares. *Aletheia*, 27.

Bolsoni-Silva, A. T., & Borelli, L. M. (2012). Treinamento de habilidades sociais educativas parentais: comparação de procedimentos a partir do tempo de intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(1), 36-58.

Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2011). Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia*, 21(48), 61-71.

Caballo, V. (1993). Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales. Madrid: Siglo Veintiuno Editores.

Caballo, V. E. (2003). Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais. São Paulo, SP: Santos.

Caballo, V. E. El papel de las habilidades sociales en el desarrollo de las relaciones interpersonales. In D. R. Zamignani (Org.), *Sobre comportamento e cognição*. São Paulo: ARBytes, 1997.

Cia, F., & Barham, E. J. (2009). O envolvimento paterno e o desenvolvimento social de crianças iniciando as atividades escolares. *Psicologia em Estudo*, 14(1), 67-74.

Cia, F., Pamplin, R. D. O., & Del Prette, Z.A. P. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16(35), 395-406.

Cia, F., Pereira, C. D. S., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 73-81.

Carneiro, R. S e Oliveira, M. G. C. (2013). Um estudo da relação entre estilos parentais e habilidades sociais. *Revistas Augustus*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. (57-68), 6, 2013.

Coelho, M. V., & Murta, S. G. (2007). Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(3), 333-341.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting Style as Context: An Integrative Model. *Psychological Bulletin*.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2000). Treinamento em habilidades sociais: Panorama geral da área. Em V. G. Haase; R. R. Neves; C. Kapler; M. L. M. Teodoro & G.M.O. Wood (Orgs.). *Psicologia do desenvolvimento: contribuições interdisciplinares*. Belo Horizonte: Health, 2000.

Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Del Prette, Z. A. P & Del Prette, A. D. (2018). *Competência Social e Habilidades Sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2018.

Gomide, P.I.C. (2001). Efeito das práticas educativas no desenvolvimento do comportamento anti-social. In M.L. Marinho & V.E. Caballo (Orgs.). *Psicologia clínica e da saúde*. Londrina: UEL.

Gomide, P.I.C. (2003). Estilos Parentais e comportamento anti-social. In A. Del Prette & Z. Del Prette (Orgs.). *Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem: questões conceituais, avaliação e intervenção (21-60)*. Campinas: Alínea.

Gomide, P.I.C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes*. Petrópolis: Vozes.

Gomide, P. I. C., Salvo, C. G. D., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico USF*, 10(2), 169-178.

Hidalgo, C. H. & Abarca, N. M. (1991). *Comunicacion interpersonal - programa de entrenamiento en habilidades sociales*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria.

Hargie, O., Saunders, C., & Dickson, D. (1994). *Social skills in interpersonal communication (3a. ed)*. Londres, Inglaterra: Routledge.

Martins, R. P., Nunes, S. A. N., Faraco, A. M. X., Manfroi, E. C., Vieira, M. L., & Rubin, K. H. (2014). Práticas parentais: associações com desempenho escolar e habilidades sociais. *Psicologia Argumento*, 32(78), 89-100.

Mota, C. P., & Assunção, S. (2023). Estilos parentais e vinculação aos pares fazem a diferença nos motivos do consumo de álcool em jovens universitários? *Avances en Psicología Latinoamericana*, 41(1), 1-23.
<https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.8875>

McFall, R. M. (1982). A review and reformulation of the concept of social skills. *Behavioral Assessment*.

Maccoby, E. e Martin, J. Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In: HETHERINGTON, E. M.; MUSSEN, P. H. Handbook of child psychology: socialization, personality, and social development. 4. ed. New York: Wiley, 1983.

Maia, F. A. e Soares, A. B. (2019). Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e percepção dos filhos adolescentes. Est. Inter. Psicol. [online]. 2019, vol.10, n.1, pp. 59-82.

Merrel, K., & Gimpel, G. (1998). Social skills of children and adolescent: Conceptualization, assessment and treatment. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum

Papalia, D. E. e Feldman, R. D. Desenvolvimento Humano. 12º ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

Patterson, G. R. (1986). Performance models for antisocial boys, American Psychologist, 41, 432-444.

Pacheco, J. T. B, Teixeira, M. A. P e Gomes, W. B. (1999). Estilos Parentais e desenvolvimento de Habilidades Sociais na adolescência. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Rio Grande do Sul, Vol. 15 n. 2, pp. 117-126, Mai-Ago, 1999.

Pettit, G., Laird, R.D., Dodge, K.A., Bates, J., & Criss, M. (2001). Antecedents and behavior-problem outcomes of parental monitoring and psychological control in early adolescence. Child Development.

Patterson, G. R., DeBaryshe, B. D., & Ramsey, E. (1989). A developmental perspective on anti-social behavior. American Psychologist, 44, 329-335.

Pinheiro, M. I. S. et al. Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, 2006.

Pinheiro, M. I. S., Haase, V. G., Del Prette, A., Amarante, C. L. D., & Del Prette, Z. A. P. (2006). Treinamento de habilidades sociais educativas para pais de crianças com problemas de comportamento. Psicologia: Reflexão e Crítica, 19(3), 407-414.

Reppold, C., Pacheco, J., & Hutz, C. (2005). Comportamento agressivo e práticas disciplinares parentais. In C. Hutz (Org.). Violência e risco na infância e adolescência: Pesquisa e Intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Ribas, M. C., Abramides, D. V. M. Treinamento de Habilidades Sociais Educativas com mães de pré-adolescentes com deficiência auditiva. Psicologia em estudo, São Paulo, v. 27, 47686, p. 1-15, 2022.

Silva, A. T. B. (2000). Problemas de comportamento e comportamentos socialmente adequados: sua relação com as habilidades sociais educativas de pais. Dissertação de Mestrado não-publicada, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Silva, A. T. B., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2000) Relacionamento pais-filhos: um programa de desenvolvimento interpessoal em grupo. *Psicologia Escolar e Educacional*, 3(3), 203-215.

Silvares, E.F.M.S. (2004). Avaliação diagnóstica do abuso físico na infância: implicações clínicas e de pesquisa. In M.Z.S. Brandão (Org.). *Sobre comportamento e cognição*, 14 (pp.19-37). Santo André: ESETec Editores Associados.

Tudge, J. R. H. & Freitas, L. B. L. (2012). Parentalidade: Uma abordagem ecológico-cultural. In: C. A. Piccinini & P. Alvarenga (Eds.). *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

Vila, E. M. (2005). Treinamento de habilidades sociais em grupo com professores de crianças com dificuldades de aprendizagem: uma análise sobre procedimentos e efeitos da intervenção. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

Vila, E. M.; Gongora, M. A. N.; Silveira, J. M. (2003). Ensinando repertório alternativo para clientes que apresentam padrões comportamentais passivo e hostil. In: ALMEIDA, C. G. (Org.). *Intervenções em grupos: Estratégias psicológicas para a melhoria da qualidade de vida*. Campinas: Papyrus, 2003. p. 59-81.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiro e acima de tudo, ao meu Deus, meu Senhor Jesus Cristo. Veio dEle toda a força necessária para chegar até aqui, e nos dias mais difíceis o Seu amor leal foi o meu consolo. Ele transforma esse sonho individual em grande coletividade.

Aos meus pais, Isaias Tavares e Ana Fabia Meira, que sempre me deram o melhor que podiam, sem medir esforços. Compaixão, lugar na mesa para todos, olhos que enxergam e amor abnegado eu aprendi em casa, com vocês. Obrigada por tudo!

Ao meu irmão, Lucas Meira, meu companheiro e meu lugar de acolhida. Obrigada pelo coração sempre disponível pra mim. Nossa ligação não se explica!

À Lídia Meira (in memorian), minha avó amada, que sempre me deu, de livre vontade e sem esperar nada em troca, o amor mais generoso e puro que eu pude conhecer. Sou eternamente grata pelo privilégio de ter compartilhado essa vida com você!

Ao meu avô, Elias Cunha Melo (in memorian), homem de um coração bondoso, simples, disponível e especialista em saber amar cada pessoa da sua vida de uma forma muito única. Que eu saiba passar adiante sua forma de amar!

À minha família como um todo, família Cunha Melo e família Meira. São tantos nomes importantes que não caberiam aqui: avós, tios, primos... vocês são parte fundamental em mim. Carrego um pedacinho de cada um por onde quer que eu vá. Obrigada pela vida que construímos juntos!

Ao meu amigo e parceiro, Richard Nascimento, que esteve comigo durante essa caminhada e em tantas outras. Obrigada pelo ombro amigo, pela risada garantida, pelo incentivo constante e por me expandir, me crescer!

À minhas companheiras de curso, Atamar, Clara, Emilly Ishila, Jackelline, Leonara, Mariana Alves, Mariana Barbara, Mayara e Victoria. Aprender com vocês

todos esses anos foi realmente um privilégio. Estive rodeada de mulheres fortes e inspiradoras, e eu não poderia ser mais grata por isso. Obrigada pela parceria, pela acolhida e pelo sonho partilhado. Sigo na torcida.

Ao meu orientador, professor e supervisor, Felipe Arruda, que trouxe novos - e mais bonitos - significados para esse percurso. Você fez diferença nas nossas vidas. Obrigada!

Aos meus amigos especiais e de longas datas, que perto ou longe, sempre torcerem por mim. Ter vocês é um presente que faz tudo ser mais leve.

Aos meus companheiros de trabalho, Lanielly, Lineida, Patricio e Rafaela, obrigada por toda ajuda e pela verdadeira alegria demonstrada com todas as minhas conquistas! Somos família!

À UEPB, um dos meus sonhos realizados. Sou mais forte, convicta e pronta para os novos desafios depois desses cinco anos aqui.

Aos professores comprometidos com a educação e a psicologia, muito obrigada! Levarei cada ensinamento no coração, com o desejo constante de dar continuidade a uma psicologia ética, humana e grandiosa, assim como ela deve ser!

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma estiveram presentes, seja nos cafezinhos da praça de alimentação, na limpeza dos corredores ou nos balcões da secretaria. Não vou esquecer-los!

